MEMORIAL EM MEMÓRIAS, ou o "PROJETO BOLSHOI"

Reginaldo A de Paiva

Com este relato registro uma homenagem aos que muito me auxiliaram na elaboração de uma proposta para a reutilização, em 1986 e 1988, de um Teatro no pátio ferroviário da Ferrovia Paulista SA, no bairro da Barra Funda, pátio desativado pela Cia do Metrô para ali instalar uma estação da sua futura linha 3. Antevendo a reutilização do território do pátio no processo tradicional de intervenção urbana da Cia do Metrô, a exemplo de estações da linha 1 – Sé, Ana Rosa, Vila Mariana – demolição dos prédios existentes no local, cedendo lugar a grandes espaços vazios, variados planos desnivelados, enormes e inúteis torres de ventilação, enormes vãos nos pavimentos, ausência de áreas verdes, tudo resultando em um ambiente agressivo, paisagem sem presença de pessoas.

"A força da grana que ergue e destrói coisas belas".

O grupo de estudos foi composto pelo Departamento de Cultura da Associação dos Engenheiros da FEPASA e pelos presidentes do IAB/SP – os arquitetos **PAULO MENDES DA ROCHA** e **PEDRO CURY** – e pela presidente do Sindicato dos Artistas, **LÍGIA DE PAULA SOUZA**.

Sei de alguns poucos que conhecem as marés que deram origem ao oceano de concreto do Memorial da América Latina.

Dentro destes poucos, há quem me aponte como sendo o autor de uma grande traição aos sonhos ferroviários, não manter o pátio de cargas da Barra Funda como um grande centro distribuidor de grãos na Região Metropolitana de São Paulo. A preservação do pátio foi o foco das primeiras análises de alguns engenheiros da ASSEF (Associação dos Engenheiros da FEPASA). Mudamos o rumo das análises ao perceber que a desativação do pátio era fato consumado.

A Diretoria Cultural da ASSEF estruturou um grupo de estudos com o Sindicato dos Artistas (SATED) e o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) com o propósito de montar um projeto que tornasse a área desativada do pátio um local com instalações de cunho popular. A opção pelo projeto de um grande teatro surgiu por uma imprevista ocorrência, a não apresentação do Balé Bolshoi em São Paulo.

Sabíamos que poderia haver resistência, por parte da Diretoria da FEPASA, em mudar o programa de venda da área, mas a lembrança da devastação que vinha marcando várias obras do Metrô na construção de suas estações, como a derrubada de edificações, o histórico Palacete Santa Helena, na Sé, o ponto final das linhas de bonde na Praça Clóvis, local imortalizado em uma canção de Paulo Vanzolini, tirando da Praça da Sé o direito histórico de ser o local onde realizado o evento anual da comemoração sindical do 1º de maio. Foi com estas considerações que nos propusemos a sugerir, ao governo do Estado, outro uso para as obras do Metrô na região da Barra Funda.

Apesar de tudo, insinuações de "traição" me foram dirigidas como se fora de minha atuação no programa de reaproveitamento do pátio desativado, que teria surgido até mesmo inspiração para a estátua de uma mão ferroviária espalmada, sangrando o mapa da América Latina na desolação do pátio do Memorial.

Em todo o processo de montagem do projeto, não houve punhais, nem traições; houve, sim, muita omissão, principalmente por parte dos maiores interessados em preservar a região como espaço ferroviário, os próprios ferroviários. Tentamos, com muito empenho e nenhum apoio, desde o início dos trabalhos, mobilizar e buscar a cooperação, não apenas dos ferroviários, mas também de várias entidades técnicas e formadoras de opinião.

O INABALÁVEL ISOLACIONISMO DO METRÔ NO PLANEJAMENTO DOS TRANSPORTES

O projeto do Metrô para a linha 3 – Barra Funda/Guaianazes – foi elaborado, como de praxe, sem participação de técnicos das outras ferrovias – EFSJ e EFSB – mesmo que, como no caso da Barra Funda, previsse o uso de áreas operacionais da EFSJ. Para a rota da linha 3, em particular, as ferrovias possuíam um projeto, elaborado, no início dos anos 70, pelo Consórcio Engevix/Sofrerail/Sofretu, que previa a total integração das linhas ferroviárias na RMSP, interligando, na região da Lapa, as atuais linhas 7, 8 e 11 da CPTM, desde o município de Itapevi ao de Mogi das Cruzes. O Metrô não só elaborou o projeto da linha 3 como superposta ao mesmo traçado desta projetada linha Itapevi/Mogi como chegou a convocar uma reunião na Secretaria dos Transportes do Estado para solicitar ao Secretário a cessão da faixa da linha da Fepasa entre Osasco e Júlio Prestes. O pedido lhe foi negado, tendo em vista que o trecho em questão era utilizado não só por trens de subúrbio, como também por trens de longo percurso e de cargas. Em decorrência, o Metrô mudou o projeto da linha 3, fazendo de Barra Funda seu ponto inicial e, na impossibilidade de usar a faixa da Fepasa no trecho Lapa/Brás, buscou outra rota, para alcançar a faixa da antiga EFCB na estação Brás. A faixa da EFCB, entre Brás e Itaquera já lhe tinha sido cedida pela RFFSA.

Apesar desta mudança no traçado da linha 3, o projeto do Metrô de transformar todas linhas ferroviárias da RMSP em "metrôs de superfície" não foi descartado. Com a criação da STM, o programa foi posto em prática; todos os pátios ferroviários foram desativados e eliminadas as circulações dos trens de longo percurso e dos trens de carga nas linhas das ferrovias.

Quando divulgado, o projeto do TIBF consolidava a desativação do pátio de carga da Barra Funda e a construção de três estações no local – a do Metrô, a da FEPASA e a da EFSJ.

De se destacar o fato de que, na época, os sistemas ferroviários ainda preservavam o conceito adotado para as concessões vigentes desde a época do Império:

nenhuma estação, nas linhas da ex-Sorocabana e da ex-EFCB, na RMSP, poderia ser instalada junto a qualquer estação existente na linha da ex-SPR (EFSJ).

Ou seja, as três estações projetadas pelo Metrô na Barra Funda, apesar de ocuparem a mesma edificação, teriam que ser projetadas como estações distintas, física, operacional e tarifariamente.

 O TIBF comportava, portanto, três diferentes estruturas, três diferentes linhas de bloqueios, três bilheterias independentes, três diferentes sistemas tarifários. Grandes vãos na laje superior segregavam, fisicamente, as estações; muretas ao longo destes vãos simulando paredes delimitadoras dos espaços das diferentes estações.

A única sugestão que a Cia do Metrô aceitou da ASSEF para o projeto do TIBF foi implantar a avenida de acesso ao prédio da estação não cruzando em diagonal o território do pátio, mas passando o mais próximo possível do muro divisório da faixa ferroviária, assim preservando, ao máximo, a integridade do território.

A ATUAÇÃO DA ASSEF NOS PROJETOS PARA A BARRA FUNDA

A ASSEF, na elaboração de um projeto para a Barra Funda, visava apenas evitar que ele se tornasse mais uma vítima da tradicional especulação imobiliária, dotando-o de edificações com serviços de interesse da população.

Por isso, a Diretoria Cultural da ASSEF iniciou os debates de um projeto para o pátio, mobilizando alguns poucos sócios da Associação, em um Seminário sobre alternativas para um futuro uso do pátio. Corríamos contra o tempo, porque, ainda que não em obras, o projeto do Metrô já circulava por mesas e escritórios de Secretários, do Governador e de todas as demais autoridades interessadas no Projeto do TIBF, todas com poder de decisão e posse das chaves dos cofres públicos.

O engenheiro ferroviário Evandro Maciel, um dos mais ardorosos defensores da continuidade do uso ferroviário do pátio, foi um dos grandes apoios da ASSEF na organização de um Seminário, do qual resultou-nos a certeza de que havíamos, com ele, exercido apenas o direito de reclamar pelo leite derramado. Todos sabíamos que nada, além da mudança no traçado na avenida de acesso à estação seria aceita e que o destino do pátio já estava traçado, em que pese o fato de que o leite derramado e coalhado pudesse mostrar, com clareza, que tudo para a festa de inauguração do TIBF já estava definido e comprado, até mesmo a fita auri-verde e a tesourinha para cortála.

Nenhuma surpresa; nada do que se discutiu no Seminário sobreviveu. (O, tempora ! O, mores ! Uh, mores!)...

No horizonte, nos soavam as vozes de um famoso e antigo ditado da Segunda Guerra, incorreto e machista como soem ser todos os símbolos das derrotas. O conselho que, assim dizem, o Exército Americano transmitia aos seus batalhões femininos (WACO) que seguiam para o palco das batalhas. Conselho que terminava com um "relaxe e aproveite". No nosso caso, se a perda do pátio já se tornara inevitável, nos competia saber que bom *relaxe* e *aproveite* poderíamos tirar da situação.

Uma ideia salvadora nos veio pelas sandálias do Balé Bolshoi que, na ocasião, sapateando pela América do Sul, não incluíra São Paulo no roteiro porque, assim se justificou, a cidade não dispunha de teatro que o pudesse acolher.

O Municipal inativo, necessitando de reformas. Planejando em criar um Teatro que recebesse o Balé Bolshoi em São Paulo, incentivamos o Governo a criar o Memorial. Da contratação de Niemeyer como projetista do Memorial para atender ao Balé Bolshoi resultou maldosas insinuações de que no projeto houvera o "dedo de Moscou".

Em resumo, esse foi o começo de tudo; foi a partir desta confusa situação que o Memorial começou a nascer, de uma iniciativa da Diretoria Cultural da ASSEF; não se tinha, por certo, qualquer previsão de que viesse a dar no que deu. O que, digamos, não é nenhuma novidade. Nenhum filho, quando adulto, materializa os sonhos paternos e, quase sempre, consolida os mais tristes pesadelos paternos.

Era verdade, como pais da intervenção no pátio, não pretendíamos criar o Memorial. O que fizemos com nossa proposta foi uma espécie de inseminação urbana na região o pátio. O que nasceu foi o que nasceu. Ponto final; foi assim que foi.

NASCE O PROGRAMA DO "PROJETO BOLSHOI"

O que não se esperava é que os ferroviários, que haviam perdido a batalha dos grãos, viessem, também a perder também a batalha das sapatilhas.

Perdida a batalha dos grãos, na Diretoria Cultural surgiu a questão: o que fazer com os espaços perdidos pela ferrovia na Barra Funda? A vergonha por não conseguirmos manter na Barra Funda o maior pátio graneleiro de São Paulo nos incentivou a propor a implantação de um grande teatro na Barra Funda, capaz de atender a grupos teatrais como o Balé Bolshoi.

Buscamos, então, em nome da ASSEF duas entidades que poderiam ter interesse no projeto, o Sindicato dos Artistas e o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). O Sindicato dos Artistas, na época presidido por Ligia de Paula Souza e o IAB por Paulo Mendes da Rocha.

A proposta foi bem acolhida; gastamos muito fosfato, em várias e muitas reuniões, tentando entender o que na realidade pretendíamos e o quê e como o poderíamos conseguir. O programa consensual que estruturamos dependeria de ser aceito e implantado pela FEPASA.

Em linhas gerais, era esta a proposta:

- I. O IAB coordenaria um concurso, que se propunha de âmbito nacional.
- II. As linhas gerais de contorno do projeto seriam estabelecidas pelas três entidades.
 Alguns pontos iniciais, básicos, já tinham sido estabelecidos no decorrer das reuniões do grupo.
- Os artistas, conforme relato da Ligia, que sempre tiveram o hábito de se encontrar em bares e restaurantes (Gigeto, Redondo, Amico Piolim, e outros), vinham encontrando dificuldades de continuar assim atuando, face ao processo de empobrecimento do país e consequente perda de poder aquisitivo; triste época de vacas magras e pratos caros. Apesar de já não dispor de recursos para frequentar com assiduidade os bares e restaurantes da moda, os artistas não conseguiam fugir da necessidade de manter os contatos com diretores e patrocinadores. Faltava-lhes um local de encontro adequado. Foi reinvindicação do Sindicato que o teatro abrigasse este local.
- O teatro deveria ser capaz de, também, abrigar manifestações de cultura popular, permitindo a externalização de todo um processo metropolitano de criatividade, principalmente das chamadas camadas subalternas. Como ponto básico do projeto, a considerar a grande acessibilidade da região, que com a implantação do TIBF ficaria ligada por sistemas de transporte de média e grande capacidade, a todas as regiões da Grande São Paulo e do interior do Estado. Potencializaria a concepção de um empreendimento não apenas local, mas também de alcance metropolitano e nacional.

O teatro, em resumo, deveria contemplar interesses múltiplos, variados e demandas culturais diversificadas. Alguns órgãos de imprensa citaram o programa como "*PROJETO BOLSHOI*".

O PROGRAMA ESTABELECIDO E A REAÇÃO DA FEPASA EM SUA APRESENTAÇÃO

Estabelecido o roteiro inicial, era necessário receber, da FEPASA, autorização para que o concurso fosse estruturado.

Em reunião com a Diretoria da FEPASA, no dia 11/08/1986, o programa elaborado pelo coletivo ASSEF/IAB/SATED foi apresentado.

Os diretores presentes à reunião, o presidente da FEPASA, Sebastião Hermano Cintra, o Diretor Antônio Sérgio Fernandes e o Superintendente Ivan Sérgio Costa, em princípio, consideraram a proposta interessante. Nos foi solicitado que o pedido fosse formalizado por carta, o que foi feito em 22/08/1986.

A seguir, texto da carta enviada à Diretoria da FEPASA.

São Paulo, 22 de agosto de 1986. Ilmo. Sr. Sebastião Hermano Leite Cintra DD. Presidente da Ferrovia Paulista S/A – FEPASA Praça Júlio Prestes, 148 CAPITAL

Atendendo à solicitação de V. Sa., em nossa reunião do dia 11.08.86, formalizamos, pela presente, consulta à Diretoria da FEPASA, no sentido de que nos seja autorizado proceder à um concurso público, organizado pelas entidades signatárias desta carta, visando a obtenção de um ante-projeto (concepção) de um Centro Cultural a ser instalado nos terrenos do antigo pátio de cargas da Barra Funda, junto ao Terminal Intermodal.

Conforme exposição de motivos, apresentada na oportunidade da reunião citada, a região da Barra Funda reúne todas as condições para abrigar um empreendimento cultural de porte, voltado à uma política de abrangência metropolitana e regional, face aos recursos de acessos por transporte coletivo; com efeito, para alí convergem todas as linhas suburbanas ferroviárias, da FEPASA e da CBTU, a linha leste-oeste do Metrô e linhas urbanas de ônibus. A influência regional do Centro se traduz pela presença de linhas intermunicipais de ônibus e pelos trens de passageiros de longo percurso.

A implantação de um grande empreendimento cultural servirá como elemento indutor do processo de reurbanização do bairro, valorizando áreas em processo de decadência. O acesso por transporte coletivo, por outro lado, permitirá conceberse o Centro, não somente como área de lazer isolada, mas como um Centro formador e difusor de cultura popular em toda a Grande São Paulo.

Assim sendo, e de acordo com nossos entendimentos, formalizamos o pedido para que as entidades subscritoras desta carta sejam autorizadas a promover o concurso público de concepção do Centro. No entanto, para que se possa obter, ainda este ano, o resultado do concurso, é necessário que os trabalhos sejam iniciados na primeira quinzena de setembro, razão pela qual os permitimos destacar a urgência da autorização.

Sem mais para o momento e na espera do pronunciamento de V. As. , subscrevemo-nos

Atenciosamente

Lígia de Paula Souza Pres. Sindic. Artistas Paulo Mendes da Rocha Pres. IAB Pres. José F. de Paiva Jr Pres. da ASSEF

Nenhum retorno tivemos à correspondência enviada à Fepasa. No final de 1986, findo o processo eleitoral, a Diretoria da Fepasa foi reestruturada pelo novo governador, Orestes Quércia. Passado o bastão a outros personagens e, como de praxe no país, apesar de Orestes Quércia pertencer ao mesmo partido de Franco Montoro, toda a Diretoria da Fepasa é reestruturada: Hermano Cintra volta para o Metrô, Ivan Costa assume a Diretoria de Patrimônio da FEPASA e Antônio Sérgio assume a Presidência do Metrô.

Consideramos, na época, que nossa proposta para o Teatro teria caído no esquecimento. Não caiu.

Antônio Sergio Fernandes, na Presidência do Metrô, ao saber que o Governador pretendia implantar o *Memorial da América Latina* em algum local do Estado sugeriu-lhe usar os terrenos da Fepasa.

"Sei onde o sr. pode implantá-lo. Nos terrenos da FEPASA, na Barra Funda, ao lado do TIBF".

Essa, a frase que sobreviveu da proposta do Teatro. Na história do Memorial, constou como tendo vindo de uma proposta do Metrô.

Considerem em que canoa Antônio Sérgio instalou remos ao assumir a tarefa de implantar o Memorial:

- Por ter participado da análise do projeto do teatro, quando na FEPASA, ele bem sabia das razões pelas quais a ferrovia havia optado por não responder à nossa carta.
- O fato de Ivan Costa ter assumido a Diretoria de Patrimônio confirmava esta sua provável arapuca.
- Outro ponto a não recomendar a participação da FEPASA no programa: o presidente nomeado pelo Governador para a Fepasa mais que um correligionário, era seu parente.
- Todo o processo de contratação dos projetos para o Memorial foi, com estes nós, comandado pelo Metrô, sem consultas nem negociações com a FEPASA. Quando da apresentação do projeto aos diversos organismos do Estado presentes na cerimônia o presidente da Fepasa, Antônio Carlos Corral e o Diretor Ivan Costa depois de expor o programa do Memorial, o Governador agradeceu "à Fepasa, aqui presente, a doação dos terrenos".

Dois anos depois de iniciado o novo governo, com o projeto do Memorial já divulgado, a Diretoria Cultural da ASSEF procurou o SATED e o IAB — então presidido pelo arquiteto Pedro Cury — e decidimos levar à Coordenação de Implantação do Memorial nossa predisposição de colaborar com o programa e de tentar resgatar, por pouco que fosse, alguns dos pontos fortes de nosso projeto. Doce ilusão. Fomos recebidos com café e simpatia pelo Coordenador, de quem nada recebemos além dos sorrisos e os adoçantes para temperar a cafeína. Da memória do encontro sobrou uma carta que, assim o espero, arquivada por diligentes burocratas à espera dos arqueólogos da Cultura. Nenhum retorno tivemos do Coordenador, sequer convites para a inauguração do Memorial.

A seguir, cópia da carta enviada pelo grupo ao Governador.

São Paulo, 24 de Outubro de 1988 Excelentíssimo Senhor Orestes Quércia DD Governador do Estado de São Paulo Palácio dos Bandeirantes São Paulo — Capital

Senhor Governador,

O projeto de desativação do pátio ferroviário da Barra Funda, visando a construção do TIBF, criou terrenos remanescentes divididos em duas áreas:

- a maior parte do antigo pátio conserva-se adjacente às linhas da FEPASA, portanto com possibilidade de ainda abrigar instalações ferroviárias;
- uma outra área, de menor porte, permanecia isolada entre as ruas de acesso ao Terminal e, por sua localização, nenhuma utilidade futura poderia vir a ter em projetos ferroviários.

A carência de instalações culturais de porte na cidade de São Paulo já se fazia notar naquela época. O Ballet Bolshoi, em excursão pela América do Sul, deixara de incluir São Paulo em seu roteiro por falta de um local adequado às suas exibições. Este fato era absolutamente inaceitável para a cidade que se orgulhava de ser o maior centro cultural da América Latina.

Foi assim que a ASSEF, depois da realização de um grande seminário sobre Terminal Intermodal, buscou o apoio do Sindicato dos Artistas e do Instituto dos Arquitetos do Brasil, buscando elaborar uma proposta de instalação de um grande teatro nos terrenos desativados do pátio da FEPASA.

A proposta elaborada por estas três entidades, no seu início, chegou a ser, por esses motivos, apelidada de "Projeto Bolshoi".

Em 11/08/86 a proposta foi apresentada à Diretoria da FEPASA,

Sebastião Hermano Leite Cintra – Presidente

Antonio Sérgio Fernandes – Diretor de Transp. Metropolitano.

Ivan Sérgio Costa – Super. do Patrimônio

tendo recebido, em princípio, parecer favorável. Foi-nos então solicitado que a proposta fosse oficializada, o que foi feito por carta em 22/08/86, conforme cópia anexa.

No entanto, a gestão daquela diretoria da FEPASA terminou sem que nenhuma resposta nos fosse enviada.

Já no início da presente administração estadual tivemos a grata surpresa de saber que, por iniciativa do sr. Governador, um projeto de muito maior abrangência e audácia deveria ser implantado naquele local. Por feliz coincidência cabe ao atual presidente do Metrô, Engenheiro Antônio Sergio Fernandes, executar o projeto do qual recebera, em outras circunstâncias e com outros propósitos, um primeiro embrião.

Acreditamos que o Memorial, como concebido por Niemeyer, alinha um duplo reencontro:

- em primeiro plano, de maior abrangência, marca o reencontro das culturas da América Latina, como um segundo rompimento da linha de Tordesilhas, agora em sentido oposto, na rota do Atlântico,
- em plano local, na abrangência do urbano, marca o reencontro de São Paulo com os grandes espaços de Niemeyer, ausentes da cidade desde o seu quarto centenário.

Se podemos reivindicar uma participação no processo de concepção do Memorial, o fazemos com a consciência da importância e da oportunidade de sua construção.

Por outro lado, externamos nosso interesse em dialogar com as autoridades envolvidas na construção e operacionalização do Memorial, desde que acreditamos que algumas de nossas proposições iniciais poderão ser ainda resgatadas, marcando o início de uma salutar cooperação das entidades profissionais no funcionamento do Memorial.

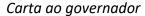
Ligia de Paula Souza Presidente SATED João Alberto Haddad Presidente ASSEF Pedro Cury Presidente IAB

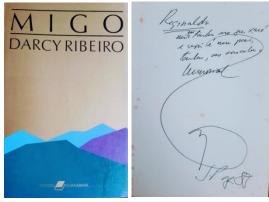
PROVAS DOS CRIMES

Em ilustração, "as provas dos crimes", fotografadas.

Para quem acredita que tudo o que foi aqui descrito não passa de mal articulada narrativa de ficção científica, uma viagem por uma provável trilha em algum outro universo de outra dimensão, seguem fotos da carta enviada ao Governador, nunca antes divulgada e as do livro de Darcy Ribeiro com dedicatória com referência ao projeto do Memorial.







Capa e dedicatória no livro MIGO

O QUE ACONTECEU DEPOIS QUE TUDO ACONTECEU DE COMO UM FILHO QUE SE PRETENDIA SER UM *TAVARES*, TORNOU-SE UM *CUCARACHA*

"Tavares" – apelido dado aos operários russos que, em 1962, montavam a grande Exposição Industrial e Comercial da URSS, no Pavilhão São Christovão no Rio de Janeiro. Exposição que celebrava a reabertura das relações diplomáticas do Brasil com a URSS, rompidas em 1947 e retomadas em 1961 no governo Janio. Os operários russos, chamavam os brasileiros de "tovarisch", cumprimento usual na URSS, significando amigo, camarada.

Algum tempo depois da inauguração do Memorial, conversando com Paulo Mendes da Rocha, com ele comentei que, a meu ver, teria sido uma pena que o programa de construir um centro cultural na Barra Funda não tivesse promovido a participação dos engenheiros, arquitetos e artistas, como previsto em nossa proposta. Ele me respondeu com o conhecimento de quem bem conhecia os confusos meandros da atuação política governamental:

"foi melhor assim. A gente ia correr o risco de ficar com um projeto premiado e engavetado. Do jeito que aconteceu, o projeto está implantado".

Em outra oportunidade e em outro espaço, conversando com o Antônio Sérgio nos bastidores de um Seminário, por ele patrocinado sobre os transportes na Metrópole, dele ouvi, num tom quase de desculpas,

"a idéia do Memorial é sua. Só que ninguém sabe disso".

Sorte minha, foi o que pensei, já que não queria o Memorial, mas o Teatro. O Memorial excluiu o espaço dos atores, a primeira reivindicação proposta, pela Ligia, em nosso "coletivo". Não que não gostasse do reconhecimento, é que, no fundo, o que buscávamos era outro projeto. Queríamos um **Teatro Tavares** e geramos um **Memorial Cucaracha**. Mas, com o mesmo tom de desculpas, respondi ao Sérgio:

"Ninguém, não. Eu sei, você sabe e também Darcy Ribeiro sabe".

Ao seu olhar de surpresa, expliquei:

"Ainda em 1988, percorrendo os corredores da Bienal do Livro, no Ibirapuera, encontrei um solitário Darcy onde ele autografava seu livro Migo. Ficamos ali um bom tempo "conversando borracha", como convém a dois oriundos dos "grandes sertões, veredas" de Minas e do sul de Goiás. Eu lhe relatei toda a história do nosso trabalho para dar ao pátio da Fepasa um uso cultural. Ele reconheceu o fato no autógrafo que me deu no livro".

O autógrafo dele no livro:

"Reginaldo, Meu pai também era seu xará e você é meu pai também, ao conceber o Memorial. SP 88". Autógrafo que aliviou minhas tristes lembranças do período de elaboração do programa que não foi aceito.

"En passant", confidencio. Tive, com Antônio Sérgio, excelentes relações profissionais, no tempo em que com ele trabalhei na Fepasa, durante o governo Montoro. Respeito mútuo, diálogo franco, talvez expliquem minhas referências de seu comentário em "tom de desculpa"; tenho certeza que, por não poder incluir a Fepasa na elaboração do programa do Memorial, a ASSEF, o IAB e o SATED não tenham sido incluídos no programa. Mesmo ele, depois do desencadeamento de um monumental escândalo sobre sua atuação na presidência do Metrô, toda a memória de sua atuação no programa do Memorial governo foi apagada.

É esta a história que queria contar. "Acabou-se o que era doce?" Não. Tem mais, tem o recomeço depois do fim: as luzes se acendem, as pessoas deixam a sala; a vida recomeça.

NO FIM, O RECOMEÇO

"Com monótona regularidade, homens aparentemente competentes promulgaram a lei do que é tecnicamente possível ou impossível, e demonstraram estar inteiramente errados, às vezes enquanto a tinta da caneta mal secara. Uma análise cuidadosa revela que estas débâcles se dividem em duas classes, que chamarei o malogro por falta de ousadia e o malogro por falta de imaginação".

Arthur C. Clarke / Perfil do Futuro – 1962

O programa que estabelecemos, infelizmente, continua inatendido. São Paulo continua projetando novos centros culturais, poucos, ou nenhum, com as sugestões dos espaços que tínhamos defendido – grande porte, acessível a todos os bolsos e a todos os modos de transportes.

O Teatro Municipal foi reformado, muito bonito, muito histórico; mas, a exemplo do lençol de linho de Brecht na canção do Rio das Coisas, se olhado contra a luz, a gente percebe que já não é mais o teatro dos bons tempos. Possui inconvenientes insanáveis. O palco não possui visibilidade de todos os lugares. De alguns pontos se é obrigado a ficar debruçado sobre a mureta acolchoada, em outros se é obrigado a ficar de pé. E, para um tempo de direitos universais, a segregação arquitetônica entre desgravatados e encasacados é particularmente odiosa. E se o teatro não permite o acesso por veículos particulares, não há porque aceita-lo como um obstáculo ao trânsito urbano. Beethoven nunca compôs quartetos para cordas e ônibus diesel.

O mais grave de tudo isto é que os últimos grandes espaços livres da Metrópole estão sendo devorados com rapidez, sem que se considere, nem o potencial turístico de São Paulo, nem as necessidades culturais do país. Agora sim, considero que tudo que devia ser contado foi escrito.

Como referência final, frase de um dos grandes escritores do país do mesmo grande sertão de onde vim e que bem explica como somos manipulados pelos poderes públicos.

"Com o passar do tempo os engenheiros foram ficando nervosos e mal-humorados, dizia-se que eles desmanchavam e refaziam trechos enormes da estrada por considera-los ruins à sua reputação. Eles não estavam ali construindo uma simples estrada; estavam mostrando a que ponto havia chegado a técnica rodoviária. Houve protestos, denúncias, pedidos de informação, mas como as autoridades não sabiam mais de que estrada se tratava, nenhuma resposta era dada; e mesmo que respondessem seria em linguagem tão técnica que ninguém entenderia, nem os mais afamados professores, todos por essa altura já desatualizados com a linguagem nova".

José J. Veiga – O galo impertinente / 1974